

MIDAS FILMES APRESENTA



INDIELISBOA 2007 PRÉMIO DISTRIBUIÇÃO
São Francisco 2007 Prémio da Crítica
Prémios Cinema Suíço 2008 Melhor Argumento

nada
isild le besco **meiga**

um filme de
jeanne waltz

Bloody Mary Productions / Rhône-Alpes Cinéma / Centre National de la Cinématographie / Desenvolvido com o apoio do programa MEDIA da União Europeia PRODIGE e ANGO-ANGDOA (França) Prince Filma SA (Suíça) apresentam a obra Le Besco Sines De Almeida Lio e Yves Verhoeven num filme de Jeanne Waltz Imagem: Piñère Louvart (A.F.C.) Som: Henri Valkhof / Montage: Eric Rousseau / Música Original: Cyril Kirsenos / Decoração: Rospoke / Armação: Gaarda-Roupa / Catherine Schröder e Isabelle Blanc / Direção de Produção: Richard Allier / Jean-Christophe Cardinaux / Um filme produzido por: Didier Haudiquet e Pierre Alain Nohr / Distribuição: MIDAS FILMES

ESTREIA LISBOA 15 MAIO UCI-EL CORTE INGLÊS 

**INDIELISBOA 2007 – PRÉMIO DISTRIBUIÇÃO
SÃO FRANCISCO 2007 – PRÉMIO DA CRÍTICA
PRÉMIOS CINEMA SUÍÇO 2008 – MELHOR ARGUMENTO**

SINOPSE

Ao falhar a tentativa de suicídio numa floresta das redondezas, Frédérique, uma enfermeira de 24 anos, fere gravemente Marco, um adolescente que aterra na sua ala do hospital. Ninguém a viu com a arma. Todos pensam ter sido um caçador louco. Em pânico, Frédérique percebe que vai ter que cuidar deste rapaz, cuja agressividade já aterrorizou as suas colegas. Enquanto estes dois “selvagens” se tentam domar, Frédérique vai deixando deliberadamente um rasto de pistas que conduzirão Marco a imaginar o inimaginável: a doce enfermeira que está a cuidar dele é também a pessoa que quase o matou.



ENTREVISTA COM JEANNE WALTZ

O seu filme seduz desde logo pela originalidade do tema. Qual foi o ponto de partida?

Para mim é sempre muito difícil saber qual a origem exacta de um tema, as ideias vão e vêm, umas desaparecem, outras ficam. De facto, tinha vontade de falar de alguém que estivesse completamente fechada sobre si mesma, e que precisasse de um verdadeiro choque para se abrir. Como é que esta rapariga consegue ficar viva? Não estou a falar de redenção, porque aquilo que me interessava era precisamente essa possibilidade de abertura, de mudança, de evolução. É de maneira inconsciente que Fred, a heroína desta história, tem o desejo de se abrir. Ela faz essa escolha por acaso, mas isso podia não ter acontecido...

Como foi desenvolvido o argumento?

A minha principal preocupação era estar no centro do tema, e delimitá-lo o mais possível. Queria que a história fosse bastante sucinta, mesmo se o facto de seguir esse caminho directo lhe viesse a dar alguma austeridade. E isto já não me parece pouco, porque me perco sempre nos detalhes! De facto, o filme acaba por se assemelhar a Fred. Uma das âncoras da escrita foi quando compreendi que era preciso que o rapaz que ela magoa fosse como ela, directo ao ponto da brutalidade, e sobretudo nada meigo.

Um rapaz desconfortável na sua própria pele, como Fred ?

Marco está em rota de colisão com a mãe. Fred não é uma rebelde na sociedade, no sentido em que, enquanto enfermeira, ela existe no interior do sistema social, embora não se sinta aí à vontade. Ela não consegue integrar-se. É por isso que dirige a raiva contra si própria. Está perdida, sozinha no seu caminho, com a impressão de não estar realmente a viver, de não ter uma ligação com o mundo e com os outros, e de não chegar a lado nenhum, de não ter um objectivo.



Apegamo-nos rapidamente a esta jovem enfermeira ferozmente independente.

A sua vontade de independência vem do facto de ela estar aterrorizada. Ela tem medo dos outros, medo de todos os compromissos – profissionais, de amizade ou amorosos. Ela não consegue aceitar todas as suas emoções. Fred quebra todos os laços assim que estes se estão a formar. Trata de doentes, frequente daqueles que estão no final da vida, ou seja, pessoas que precisam da ajuda que ela apode dar, mas a quem não precisa de se ligar. Quanto muito, oferecem-lhe uma caixa de chocolates ao deixar o hospital e ela não voltará a vê-los!

Mostra uma personagem em carne viva, sempre à defesa.

Porque ela não tem razão para estar viva, porque as coisas não fazem sentido para ela, ela vê o mundo de uma forma violenta. Ela não consegue projectar-se no futuro. Fred é constantemente confrontada com a sua própria incapacidade, e tem consciência de saber fazer determinadas coisas, mas não consegue evoluir e ultrapassar esse estado.

Essa pressão, esse estado de insatisfação, de melancolia e depressão, é sentido por muitas pessoas hoje em dia.

As sociedades ocidentais, que misturam a concorrência fria e as promessas de felicidade fácil, vêem proliferar seres isolados, tornados socialmente doentes por um individualismo fanático que os protege, mas que não lhes permite de enfrentar o mundo tal como ele é. Fred tem também o desejo absoluto da juventude, quando imaginamos que somos os únicos detentores da verdade. Ela não pode mentir, tem sempre necessidade de ser o mais directa possível, o mais verdadeira possível, na sua lógica de estar o mais próximo da verdade. Ela pensa que não consegue funcionar no mundo, porque o que ela vive e o que faz tem não lhe interessam.



O que lhe falta para conseguir viver?

De acordo com uma das teorias acerca das sociedades ricas suicidárias, quando somos materialmente miseráveis resta-nos sempre a esperança de podermos ficar melhor. Mas quando temos tudo...

Fred tem uma vida sentimental caótica...

Ela está à procura de ternura, mas ao mesmo tempo é muito livre nos seus desejos sexuais. Conseguimos imaginá-la, por momentos, louca de amor pelo seu namorado portageiro, mas no dia seguinte a dizer-lhe «meu querido, agora desenrasca-te sem mim». Há sempre esta dualidade de se entregar completamente mas por um período de tempo muito curto. Não tinha vontade de entrar pela sua vida sentimental, mas compreendemos que, ao fim de algum tempo, por causa disto, ele decida deixá-la!

Ela consola-se engatando tipos ao acaso ...

Essa sequência em que Fred decide deitar-se com dois rapazes que conhece num bar mostra a pressão que a envolve. Este tipo de comportamento exclui-a definitivamente da pequena cidade em que todos sabem tudo. E imaginamos perfeitamente que o seu pai também saiba.

Para Fred essa é também uma forma de se violentar, procurando condenar-se e excluir-se.

De facto, essa condenação social está implícita, e ela procura-a. Ela até diz a um dos rapazes : «Aceitas o meu corpo durante meia hora, e eu aceito o teu; não é muito agradável, e não se passa grande coisa...»

E o rapaz responde-lhe «Não és nada meiga».

Sim, o rapaz define-a pela negativa.

Fred pratica tiro de competição, uma forma de se ligar a um pai que a rejeita.

O pai deve tê-la feito interessar-se pelo tiro quando ela era ainda pequena, a sua "menina". Ela tem êxito nesta disciplina, e o sucesso permite-lhe ter um lugar bem definido, porque cria uma nova relação com o pai. Mas um dia ela dá-se conta que aquilo não é o que tem vontade de fazer e que está apenas a reproduzir o desejo do pai. Como esta tomada de consciência chega tarde, é-lhe também mais difícil parar, e isso provoca um choque com o pai. Em geral, penso que nunca esquecemos aquilo que aprendemos a fazer e aquilo que sabemos fazer. A sua competência no tiro é importante para a compreensão do acto que ela vai cometer. Tal como ela diz na festa «Quando um bom atirador dispara sobre outra pessoa, não é nenhum

acidente». O tiro de competição exige uma tal concentração que ficamos em branca total. Não existe nada à nossa volta, o mundo realmente eclipsa-se.

Ousou expor uma personagem à beira do suicídio...

Não é por audácia que confronto a minha personagem com isso. Estou convencida que há imensas pessoas que conhecem esse mal-estar, não só elas mesmas como entre pessoas que lhes são próximas. A passagem ao acto, é outra questão. Além do mais, quando temos uma família e filhos, vivemos para eles e isso torna-se impensável. Mas parecia-me interessante falar da realidade, e até que ponto conseguimos suportar a vida. E como apenas um pouco de distância sobre nós mesmos nos permite ver o mundo à nossa volta, e abrimo-nos à vida. Era também necessário que a personagem de Fed fosse bastante jovem, porque o acto que ela comete tem algo de juvenil no sentido em que ela não tem ainda nenhuma distância. Mas ela ainda pode evoluir.

Ela ainda tem a postura romântica do jovem Werther ...

Não é bem isso, é mais antes a ideia romântica que devemos ser completamente sinceros, realistas, e lúcidos com nós próprios. E, então, se quiser ser verdadeiramente honesta, se não consigo continuar viva, a única coisa que me resta é matar-me. Aquilo que salva a maior parte das pessoas, e que mais falta a Fred, é o sentido de humor. Se ela gozasse consigo própria, tudo correria melhor. O Marco pode desenrascar-se mais facilmente porque tem a sorte de ter um amigo que goza com ele e graceja.

Por ironia do destino, em vez de se matar, Fred dispara sobre Marco. Como explica o gesto dela?

Ela está à beira de um descontrolo total, inconsciente, fora dela mesma e fora do mundo, prisioneira da sua vontade de se matar. Antes de disparar, ela está em branca total, quando repentinamente os gritos das crianças rasgam o espaço interior para o qual ela se tinha retirado. Se ela tivesse tido consciência da cena que a perturbou naquele preciso instante, ela nunca teria disparado, e teria gritado para tentar impedir os dois rapazes de discutirem. A sua perda de controlo é desencadeada por algo que vem do fundo do seu cérebro, um gesto moribundo, de facto. Mas esse choque profundo vai permitir-lhe sair desse estado de recolhimento sobre si mesma. Ela sabe que poderia ter-se matado, ou ter morto aquele rapaz, mas não foi isso que aconteceu, e agora já tem uma razão para viver.

Marco não é uma simples mais-valia à personagem de Fred, mas antes uma espécie de duplo.

No início, Marco é bastante insuportável, grita e berra o tempo inteiro, e o facto de estar preso a uma cama de hospital torna-o ainda mais violento. Mas estes dois vão transformar-se juntos. Eles assemelham-se terrivelmente, e reconhecem-se na sua energia, e na sua capacidade de sobrevivência. Têm algo de animal e de instintivo. Além do mais, a amiga de Fred até lhe diz «tu domesticaste-o, agora só falta encontrar alguém que te domestique». A relação entre Fred e Marco é amigável e também um pouco maternal no sentido em que ela responde às perguntas dele e lhe ensina coisas. De repente, Fred tem que enfrentar novas responsabilidades. No que a este rapaz diz respeito, ela não pode fugir.

Ambos partilham um sentimento de responsabilidade.

Podemos arrepende-nos dos actos terríveis que cometemos. Existe também a dificuldade, a vergonha mesmo, em aceitar que algo de terrível nos pode tornar mais vivos que a rotina do quotidiano. E que nos podemos colocar em situações horríveis porque essa é a nossa única maneira de estar na vida. Na cena em que Marco rebenta nos braços de Fred, ele ultrapassa-a na sua evolução. Depois disso, torna-se um pouco mais amável com a mãe, visto ter aceite que foi um traste com o namorado dela. Fred mantém-se atrás dele, porque ela nunca consegue falar com ninguém. Ela rebenta sozinha, é verdade, mas ao pé dos outros está sempre controlada. É por isso que ao tomar consciência da sua culpa, Marco ajuda Fred a tomar consciência da sua. E é exactamente depois disso que Fred liga ao namorado e os dois fazem amor, pela primeira vez de qualquer maneira. E aquilo entre os dois é amor, e não sexo!

Marco é, ao mesmo tempo, a vítima e o salvador de Fred.

Exactamente. Essa noção de vítima é importante, era preciso que fosse claro para Fred que ela lhe tinha verdadeiramente feito mal, algo que não pode ser reparado.

De qualquer forma, Fred entrega-se à polícia.

Ao aceitar as consequências do seu acto, Fred faz uma escolha social, entra na sociedade, submete-se às suas regras. Esta noção de responsabilidade assinala a sua evolução. Queria mostrar como se pode sair de um impasse, de um erro terrível, de um crime. No filme, trata-se de um homicídio involuntário. Mas onde se situa a fronteira entre voluntário e involuntário? Com Fred, isso é interessante. Há um provérbio alemão que diz «em situações de grande perigo, o caminho do meio só pode trazer a morte». Em situações extremas, às vezes

podemos ser salvos por um enorme disparate. A partir do momento em que nos descontraímos, perdemos o controlo. Acho que sabemos mais sobre nós próprios do que pensamos saber conscientemente. Enfim, todos nós mais ou menos criámos uma carapaça para nos protegermos... Mas todas as muralhas foram sempre conquistadas, e de facto estamos melhor lá fora.

Existe uma mudança entre a energia que esta personagem coloca em destruir-se e, depois, na vontade de se reconstruir. E, paralelamente, o mesmo mal estar e a mesma vontade de em Marco de sobreviver.

O filme não conta a história de uma rapariga que não consegue suicidar-se, mas que consegue manter-se viva! O filme é, antes de mais, a história de uma reconstrução. Fred escolhe não fugir às consequências do seu acto. E Marco, ao mesmo tempo que perdoa Fred, vai também abrir-se às outras pessoas, com os seus momentos de emoção, humor absurdo e também com as incontornáveis recaídas e hesitações. Apesar do tema, o filme não é nem desesperado, nem mesmo pesado. Está é impregnado da considerável energia que Fed coloca na sua própria destruição. Além disso, depois da destruição do sistema pessoal de valores que ela tinha construído, este torna-se mais afirmativo em direcção a uma maturidade que Fed, infelizmente, não conheceu.

Escolheu fazer uma montagem com planos curtos, enérgica, que dá alguma tensão ao filme, reservando porém alguns momentos para respiração, onde ganhamos tempo para descobrir as personagens.

Precisava de uma certa energia para a textura do filme, *découpage*, e *mise en scène*, e de ter um ritmo rápido por causa do peso do tema. O assunto não se prestava a efeitos estilísticos ou planos artísticos para dar prazer.

Para mostrar uma jovem rapariga no limite da vida, optou por rodar o filme numa pequena cidade fronteiriça.

Chaux-de-Fonds é [uma cidade] feita de contrastes. Depois de ter sido completamente incendiada no século XIX, foi reconstruída com uma ambição gigantesca, porque deveria ter sido uma paragem na trajectória Paris-Zurique. No entanto, o comboio passou por outro lado! Encontramo-nos, então, numa cidade construída a partir do modelo de Nova Iorque, uma cidade megalómana, mas ao mesmo tempo minúscula. Tem-se um sentimento de evasão com aquelas grandes artérias e, ao mesmo tempo, estamos encalhados no meio das vacas e dos abetos! Achei que um décor assim ilustrava bastante bem a

personagem de Fred e o propósito do filme – o paradoxo entre uma enorme ternura e uma enorme violência.

Isild Le Besco dá uma intensidade muito justa à personagem de Fred.

Isild é muito secreta e protege-se muito. A personagem de Fred permitia-lhe ir ao encontro de emoções diferentes das que experimentou em filmes anteriores. Ela trabalha com as entranhas, entregando-se completamente no momento em que a take tem início, e aí ... quando explode, é em todos os sentidos!

É um prazer reencontrar Lio num papel tão forte.

Lio é muito exuberante e generosa. Quando chega ao plateau, deixa toda a gente à vontade, e conhece todos os figurantes! Ela faz parte daquele grupo de actores que gostam de marcar a personagem com a sua personalidade. Ela entregou-se completamente a interpretação de mãe portuguesa, bela e dura ao mesmo tempo. Tal como ela me dizia, ninguém conhece melhor do que ela a personagem da mãe portuguesa!

Fale-nos da escolha de Christophe Sermet para o papel de amante de Fred e de Steven Pinheiro de Almeida, que interpreta Marco.

No início, para o papel de amante de Fred, precisava de um gigante, alguém cuja simples massa física fosse garante de protecção, como o índio em «Voando Sobre um Ninho de Cucos». Não encontrei essa pessoa. Então, propus o papel ao Christophe, que já tinha visto no belíssimo filme de Sébastien Lipshitz, «Wild Side». Existiam nele uma calma e uma rectidão sólida que podiam também funcionar para fazer dele uma espécie de rochedo. Quanto a Steven, foi mais difícil. Marco não devia ser nem irritante, nem inspirar piedade. Fizemos um longo casting com o Bruno Dupuis, em França e na Suíça. Durante muito tempo, só encontrámos rapazes capazes de mostrar ou violência ou fragilidade. Não havia muitos que fossem capazes das duas coisas. O facto do Steven ser realmente português e de ser oriundo do sítio onde filmámos, são o tipo de acasos que me dão prazer.



IMPrensa

NADA MEIGA é [...] o exemplo perfeito de como se deve pegar numa história que podia perfeitamente caber numa curta e dar-lhe a densidade necessária para ser uma longa enxuta e eficaz. Para isso ajuda muito a interpretação notável de Isild Le Besco, a actriz francesa que parece andar-se a especializar nos papéis de heroínas “desequilibradas” – mas é provável que mais ninguém arriscasse entregar-se (muito menos desta maneira intensa e inteira) ao papel de Fred.

Chamar “desequilibrada” a esta enfermeira num hospital de província que fala com sete pedras na mão a toda a gente (menos ao pai, com o qual nem fala) é capaz de ser demasiado simpático: Fed odeia todos, a começar por si própria, e decide matar-se na floresta com um tiro de carabina, mas em vez de se matar dá um tiro no joelho de um adolescente mal-educado e resmungão e acaba a ser a única enfermeira que consegue dar conta da pestinha no hospital. Porque Fred e Marco são exactamente iguais no mau feitio associal e encontram um no outro uma espécie de redenção que os salva da fachada niilista que ergueram para proteger as suas fragilidades. Jeanne Waltz apanha lindamente o ambiente de província e não deixa ficar um único grama supérfluo a este retrato de gente à procura de uma saída dos becos em que se meteram; NADA MEIGA é uma miniatura compacta e económica [...].

Jorge Mourinha, Público, 27 Abril 2007

Jeanne Waltz dirá muito aos espectadores portugueses, pois foi em Portugal que esta cineasta suíça começou a fazer filmes, algumas curtas-metragens e uma longa, *Daqui P'rá Alegria*. O novo trabalho [...] traz-nos um dos rostos mais expressivos do cinema do hexágono, Isild Le Besco, no papel de uma enfermeira “pas douce”, depressiva e com instintos de “sniper”.

O suicídio transferido para o “ensaio de um crime” sobre um adolescente acaba por inventar relação especial entre a atiradora e a vítima.

Francisco Ferreira, Expresso, 14 Abril 2007

Imagine-se um caçador que também é veterinário e é obrigado a cuidar do pássaro que o próprio atingiu. Só que em vez de um caçador temos uma enfermeira/ atiradora e uma criança. São estes os ingredientes para o melhor filme da carreira de Jeanne Waltz, uma suíça residente em Portugal que regressou a casa para filmar este NADA MEIGA. O filme é ganho logo de início com a construção da

NADA MEIGA
um filme de Jeanne Waltz

personagem feminina: uma mulher desesperada que não sendo doce, também não é amarga ao ponto de não a compreendermos. Pega numa espingarda e vai para uma mata para se suicidar. Só que num impulso desvia o cano da garganta e aponta-o para um miúdo que está prestes a atingir um colega com uma fisga. Atinge-o no joelho. A partir daqui constrói-se o thriller psicológico. Um *Crime e Castigo* adensado pelo confronto e relação entre um caçador furtivo e a presa inocente. Mas, no fundo, o castigo é igual ao de Raskolnikov.

Jornal de Letras, 22 Maio 2007

Isilde Le Besco confirma a sua excelência no registo de louca que se quer matar. E, ainda mais inédito, o jovem Steven Pinheiro de Almeida, perfeito na pele oleosa de um adolescente também ele nada amável.

Gérard Lefort, Libération, 30 Maio 2007

NADA MEIGA consegue fazer existir a intensidade do confronto entre duas personagens. Sob os reflexos de defesa de ambos aflora também uma fragilidade que a cineasta consegue capturar.

Mathilde Blottière, Télérama, 30 Maio 2007



JEANNE WALTZ

Nasceu em Bâle em 1962.

Frequenta o liceu em Neuchâtel. Estuda japonês na Universidade Freie em Berlim, onde é também responsável pela programação, durante vários anos, de uma sala de cinema de arte e ensaio.

Vive sobretudo em Portugal de há uns anos a esta parte, país onde tem dirigido a maioria dos seus filmes, e colabora em numerosos projectos como argumentista, co-argumentista e chefe-decoradora.

FILMOGRAFIA

2007 NADA MEIGA [Pas Douce]
2003 DAQUI P'RA ALEGRIA
2000 AS TERÇAS DA BAILARINA GORDA
1999 LA REINE DU COQ-À-L'ANE
1998 O QUE TE QUERO
1997 MORTE MACACA
1994 LA COUVEUSE

FICHA ARTÍSTICA

Fred	ISILD LE BESCO
Marco	STEVEN DE ALMEIDA
Mãe de Marco	LIO
Pai de Marco	YVES VERHOEVEN
André	CHRISTOPHE SERMET

FICHA TÉCNICA

Argumento e Realização	JEANNE WALTZ
Imagem	HELENE LOUVART (A.F.C)
Som	HENRI MAÏKOFF
Montagem	ERIC RENAULT
Música Original	CYRIL XIMENES
Decoração	FRANÇOISE ARNAUD
Guarda-Roupa	CATHERINE SCHNEIDER
	ISABELLE BLANC
Direcção de Produção	RICHARD ALLIEU
	JEAN-CHRISTOPHE CARDINEAU
Produzido por	DIDIER HAUDEPIN
	PIERRE-ALAIN MEIER

França / Suíça – 2007 – Cor – 35mm – 84' – 1 :1,85 - DTS